



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

ANA CAROLINA RODRIGUES DA SILVA

**UMA ANÁLISE DO FEMININO NA PSICANÁLISE: DA MULHER COMO
CONTINENTE OBSCURO AO GOZO FEMININO**

CAMPINA GRANDE

2021

ANA CAROLINA RODRIGUES DA SILVA

**UMA ANÁLISE DO FEMININO NA PSICANÁLISE: DA MULHER COMO
CONTINENTE OBSCURO AO GOZO FEMININO**

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção da titulação de bacharelado em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Juliana Fonsêca de Almeida Gama

CAMPINA GRANDE

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Ana Carolina Rodrigues da.
Uma análise do feminino na psicanálise [manuscrito] : da mulher como continente obscuro ao gozo feminino / Ana Carolina Rodrigues da Silva. - 2021.
32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Juliana Fossêca de Almeida Gama, Departamento de Psicologia - CCBS."

1. Psicanálise. 2. Sexualidade feminina. 3. Complexo de Édipo. I. Título

21. ed. CDD 150.195

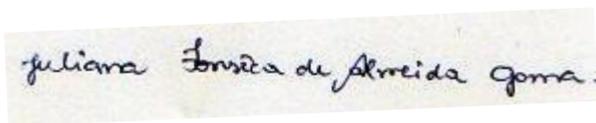
ANA CAROLINA RODRIGUES DA SILVA

UMA ANÁLISE DO FEMININO NA PSICANÁLISE: DA MULHER COMO
CONTINENTE OSCURO AO GOZO FEMININO

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção da titulação de bacharelado em Psicologia.

Aprovada em: 31/05/2021.

BANCA EXAMINADORA



Juliana Fonsêca de Almeida Gama.

Profa. Ms. Juliana Fonsêca de Almeida Gama (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Edgley Duarte de Lima

Prof. Ms. Edgley Duarte de Lima
Faculdades Integradas de Patos (FIP-CG)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	05
2. MÉTODO	07
3. A SEXUALIDADE FEMININA NA TEORIA FREUDIANA	08
3.1 As mulheres como sintoma de sua época e a criação da psicanálise	08
3.2 Avanços da psicanálise em seus ensaios sobre a sexualidade	09
3.3 A diferença sexual e a dissolução do Complexo de Édipo	14
3.4 A anatomia é o destino? A fase pré-edípica	15
3.5 Consequências psíquicas e a escolha do objeto de amor	16
4. “A MULHER NÃO EXISTE” NA TEORIA LACANIANA	18
4.1 O Complexo de Édipo em Lacan	18
4.2 O gozo feminino e a assunção sexual	21
5. ENFIM, O QUE É A MULHER HOJE?	24
5.1 A Feminização do mundo e a disputa de gozo	24
5.2 A mulher entre o falo e o gozo feminino	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
7. REFERÊNCIAS	

**UMA ANÁLISE DO FEMININO NA PSICANÁLISE: DA MULHER COMO
CONTINENTE OSCURO AO GOZO FEMININO**
**AN ANALYSIS OF THE FEMALE IN PSYCHOANALYSIS: FROM WOMEN
AS A CONTINENT OBSCURE TO FEMALE ENJOYMENT**

SILVA, Ana Carolina Rodrigues da¹

RESUMO

O seguinte artigo tem como objetivo fazer uma análise dos avanços teóricos sobre a mulher, o feminino e a feminilidade no campo psicanalítico para pensar a questão do feminino na atualidade. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica com vistas a descrever e discutir o desenvolvimento deste assunto pela perspectiva teórica e contextual da psicanálise de orientação freudiana e lacaniana. Portanto, foram utilizados os principais artigos de Freud e Seminários de Lacan sobre o tema, além de outros autores que escrevem sobre o feminino nesta área. Ao longo da discussão, foi realizada uma comparação sobre o que é a mulher em Freud e Lacan. Por pensar a sexualidade feminina como um desdobramento da sexualidade masculina, a mulher aparece como um “continente obscuro” na obra freudiana. Assim, ele deixa em aberto a questão do feminino para ser elaborada na posteridade. Ao retomar a questão deixada por Freud, Lacan avançou na teorização da sexualidade feminina e formalizou uma lógica própria ao feminino. Sem excluir a importância do falo para a constituição do sujeito, ele introduziu as fórmulas da sexuação para pensar a divisão sexual pelo viés das modalidades de gozo. Com isso, o lado mulher na sexuação foi formulado a partir da modalidade do gozo feminino, que é não-todo, referido ao falo. Para concluir, foram articuladas quais as saídas possíveis para as mulheres em Freud, Lacan e outros autores. Além disso, foi realizada uma breve reflexão sobre o que é a mulher hoje.

Palavras-chave: Feminino; Psicanálise; Mulher; Sexualidade.

ABSTRACT

The following article aims to analyze the theoretical advances on women, the feminine and femininity in the psychoanalytical field to think about the feminine issue today. To this end, a bibliographic review of the narrative type was carried out in order to describe and discuss the development of this subject from the theoretical and contextual perspective of psychoanalysis of Freudian and Lacanian orientation. Therefore, the main articles by Freud and Lacan's Seminars on the theme were used, in addition to other authors who write about the feminine. Throughout the discussion, a comparison was made about what women are in Freud and Lacan. By thinking of female sexuality as an offshoot of male sexuality, women appear as a “obscure continent” in Freud's work. Thus, Freud leaves the question about the feminine open to be elaborated in posterity. In resuming the question left by Freud, Lacan advances in the theory of female sexuality and formalizes a logic specific to the female. Without excluding the importance of the phallus for the constitution of the subject, Lacan introduces the formula of sexuation to think about the sexual division through the bias of the modalities of jouissance. With this, the woman side of sexuation was formulated from the feminine enjoyment modality that is not all referred to the phallus. To conclude, it was articulated what are the possible ways out for women in Freud, Lacan and other authors. In addition, a brief reflection was made on what women are today.

Keywords: Female; Psychoanalysis; Women; Sexuality

¹ Graduanda em Psicologia.

1. INTRODUÇÃO

A clínica psicanalítica, que nasceu com Sigmund Freud, no início do século XX, começou a partir da escuta de mulheres da época vitoriana que externavam sofrimento psíquico através da conversão de sintomas no corpo. Essa, contudo, não foi a primeira conclusão a qual se chegou a respeito das mulheres adoecidas deste tempo. Antes mesmo de Freud, Charcot e Joseph Breuer atentavam para o fato de que os sintomas clínicos de algumas pessoas não estavam vinculados a causas físicas, mas sim, psíquicas. Em contraponto, porém, outros médicos alegavam que quando na apresentação de sintomas físicos sem explicações neurológicas a paciente poderia ser classificada como “mentirosa”.

Freud, frente a esse contexto, contando com os ensinamentos de Charcot e com a parceria de Breuer, dá a estas pacientes, contudo, um direito de defesa. A partir da escuta às histéricas, ele fundou a teoria psicanalítica firmada em fortes descobertas sobre o peso da repressão para economia psíquica, assim como inaugurou a técnica da associação livre de ideias, sustentando a cura pela fala. Com a clínica, Freud percebeu o elemento sexual no discurso das pacientes e constatou um acontecimento em comum entre elas: todas relatavam terem sido abusadas sexualmente na infância. Diante disso, no primeiro momento, ele considerou essa cena de sedução como um fato real. No entanto, ao avançar de suas pesquisas, substituiu “a crença na realidade desta cena pela suposição de que a sedução seria uma construção, em termos de fantasia, do próprio sujeito” (SALES, 2002, p.335); seria “[...] uma fantasia que é apenas o produto e a máscara das manifestações espontâneas da atividade sexual infantil” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1964/1988, p. 25). Assim, Freud começou a descortinar a outra cena, que é o inconsciente, e a sua importância na etiologia das neuroses.

Diz-se, portanto, que a psicanálise teve início com as elaborações feitas pelas mulheres sobre sua própria sexualidade. Mesmo assim, ao teorizar a sexualidade que aparecia na clínica, Freud tomou como base a forma masculina e o falo. Para Kusnetzoff (1982), desde Freud, o menino foi tomado como eixo de referência no desenvolvimento do Complexo de Édipo.

Teorizando sobre a sexualidade masculina, Freud conceituou a sexualidade feminina como uma invenção necessária à mulher para se constituir na ausência do falo. De acordo com Kusnetzoff (1982), a menina ficou com o desenvolvimento do Complexo de Édipo mais complicado, sem saber se essa complicação é por motivos estruturais ou por a sexualidade feminina ser observada sobre o prisma da masculinidade, aparecendo como uma transgressão. Como consequência dessas questões, conjectura-se que, nos primórdios da psicanálise, a sexualidade feminina ficou submetida ao modelo da sexualidade masculina, não possuindo uma lógica própria.

Para Molina (2016), apesar de Freud defender que a anatomia não é suficiente para entender a oposição masculino-feminino, o pênis teve um papel fundamental em sua teoria, que tem um viés claramente falocêntrico. Ainda segundo o autor, Freud falou sobre as mulheres de forma afetada pelo que o seu entorno social falava sobre elas. Dessa forma, apesar da teoria freudiana representar avanços ao pensamento de sua época, os tabus da era vitoriana ainda tiveram influência em suas construções sobre a sexualidade feminina. Não se pode negar, contudo, que foram fundamentais, e também adequadas, as contribuições dadas pela psicanálise neste início, sobretudo no que se refere à honestidade freudiana ao apontar que a grande indagação que ficou sem resposta foi justamente “O que quer a mulher?” - “se quiserem saber mais sobre a feminilidade, então perguntem às suas próprias experiências de vida, ou voltem-se aos

poetas, ou esperem até que a ciência possa lhes dar informações mais profundas e mais bem articuladas” (FREUD, 1933, p.265).

Indo além com relação aos trabalhos de Freud, para tratar sobre a mulher e o feminino convém abordar Jacques Lacan que, partindo da teoria freudiana, ampliou e desenvolveu o pensamento acerca da sexualidade feminina.

Considerando que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, Lacan utilizou os conceitos freudianos articulados à lógica da teoria linguística de Saussure para realizar releituras e avanços. Dentre as releituras que realizou esteve o Complexo de Édipo e o complexo de castração em termos de linguagem. Sobre isso, no texto “A significação do falo” (1998), Lacan atribuiu ao complexo de castração a função de nó que instala uma posição inconsciente com a qual o sujeito identifica-se para se posicionar com o tipo ideal de seu sexo (LACAN, 1998). Dessa forma, a leitura lacaniana aponta para o modo como a linguagem incide no inconsciente para constituir o sujeito e sua posição diante ao sexo.

Com a tese de Lacan, segundo Soler (2005), o sujeito que se situa do lado feminino pode ser anatomicamente homem ou mulher. Isso porque, para além da inscrição do sexo no corpo biológico, existe a inscrição do sexo no inconsciente, que advém com o complexo de castração e implica o sujeito a tentar se situar diante a questão fundamental “sou homem ou sou mulher?”. Essa inscrição do sexo no inconsciente ocorre através da inscrição do falo como significante. Para articular essa relação do sujeito entre corpo e linguagem, Lacan utilizou o gozo fálico e o gozo feminino, ao formular a sexuação pela posição de gozo na qual o sujeito se situa. Ao introduzir o gozo feminino na sexuação, ele foi além do falo para pensar a sexualidade feminina com outra lógica. Assim, o gozo fálico encontra-se referido ao lado masculino e o gozo feminino ao lado feminino. O sexo das mulheres que se situam do lado não-todo, não passa pelo corpo, mas sim por uma exigência lógica na fala (LACAN, 1972- 1973). Dessa maneira, Lacan atribui à mulher uma lógica diferente que faz com que ela tenha acesso a um gozo a mais.

Seguindo essas construções, este trabalho teve como objetivo fazer uma análise dos avanços teóricos sobre a mulher, o feminino e a feminilidade no campo psicanalítico de orientação freudiana e lacaniana. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica do tipo narrativa, com vistas a descrever e discutir o desenvolvimento deste assunto pela perspectiva teórica e contextual da psicanálise freudiana e lacaniana. Neste percurso, foram utilizados textos de Freud que tratam da questão da sexualidade feminina, do Complexo de Édipo na mulher e das conclusões às quais ele chegou sobre a feminilidade, reconhecendo o contexto histórico da produção de sua obra.

Ademais, considerando que a face indizível que o feminino suporta não poderia ser formulada a partir da lógica fálica proposta por Freud, avançou-se para pensar o tema com Lacan. No esforço de apreender a inteligibilidade do feminino, Lacan esclareceu que não é do pênis que se trata, mas do falo como significante que tem lugar no discurso do Outro (SOLER, 2005). Dessa forma, para além do Penisneid freudiano, o falo tem importância na sexualidade feminina como elemento que orienta o desejo e tem função de circunscrever o gozo feminino.

Ao final do trabalho, foi apresentada uma breve comparação do que é a mulher para Freud e Lacan, bem como foi ensaiada uma análise psicanalítica sobre o que é a mulher hoje, diante do declínio do Nome-do-Pai e da “feminização do mundo”. É preciso pensar quais são os recursos, além do falo, que as mulheres de hoje utilizam para dar consistência ao seu corpo e circunscrever o gozo. Com a “feminização do mundo”, pode-se pensar em como o declínio do Nome-do-Pai proporcionou, a todos os sujeitos, uma experiência do lado não-todo da sexuação. Dessa forma, homens e

mulheres, inseridos na cultura, imersos na inconsistência do Outro, conseguem gozar do lado feminino, sendo necessária a criação de semblantes que circunscrevam essa modalidade de gozo.

De forma a sustentar essa proposta, o presente trabalho está organizado em três eixos de discussão: A sexualidade feminina na teoria freudiana; “A mulher não existe” na teoria lacaniana; Enfim, o que é a mulher hoje?

2. MÉTODO

O presente trabalho trata-se de uma breve revisão de literatura do tipo narrativa. Segundo Rother (2007), a revisão narrativa é utilizada com o objetivo de descrever ou discutir o desenvolvimento de um determinado assunto pela perspectiva teórica ou contextual, através da análise da literatura publicada sobre o tema e com a interpretação pessoal do autor. Tal revisão narrativa foi utilizada com o objetivo de realizar uma análise teórica das contribuições psicanalíticas sobre o tema da mulher, do feminino e da feminilidade e, por fim, posicionarmo-nos a este respeito.

Para isso, começando a partir de Freud, foi realizada uma leitura da teorização da sexualidade feminina no texto “Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade”, de 1905. Tal artigo foi utilizado para estudar a conceitualização inicial feita por Freud sobre o tema da sexualidade e as principais diferenças entre a sexualidade feminina e masculina. Depois, foram utilizados os textos “A Dissolução do Complexo de Édipo”, de 1924 e “Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos”, de 1925 para mostrar os avanços da teoria freudiana com relação à conceitualização do Complexo de Édipo na menina e quais as consequências do Édipo na constituição da diferença sexual.

Com o objetivo de mostrar como Freud teorizou especificamente sobre o tema da sexualidade feminina, foram utilizados os textos “Sobre a Sexualidade Feminina”, de 1931 e “A Feminilidade” de 1933, nos quais Freud se baseia no Complexo de Édipo do menino para teorizar sobre o Édipo na menina. Além disso, esses textos fecham a teorização freudiana sobre o tema da feminilidade e deixam ainda em aberto as questões que Freud não conseguiu avançar sobre esse tema.

Portanto, para acompanhar os avanços do pensamento freudiano sobre o tema da feminilidade, foram utilizados textos que englobam três momentos diferentes de sua obra: para introduzir o tema da sexualidade, o texto de 1905; para estudar o Complexo de Édipo na menina, os textos de 1924 e 1925; e, para concluir, as considerações de Freud sobre a feminilidade, os textos de 1931 e 1933. A posteriori, foi feita uma breve análise dos possíveis motivos pelos quais Freud não conseguiu avançar ainda mais na teorização sobre o feminino, utilizando, para isso, os textos de Maria Rita Kehl (2016) e José Artur Molina (2016).

Com relação a Lacan, foi utilizado o “Seminário 5 - As formações do inconsciente” (1957-1958), suporte para uma breve análise sobre o Complexo de Édipo e suas consequências na mulher e o “Seminário 20 - Mais, ainda” (1972-1973), por abarcar as questões do gozo feminino e do corpo, além de introduzir as fórmulas da sexuação e a leitura da divisão sexual a partir da posição de gozo do sujeito.

Somando-se a isso, para pensar sobre o feminino e a feminilidade na atualidade, foi feito um estudo das incidências da “feminização do mundo”, conceito introduzido por Miller (2005), para refletir sobre a subjetivação da sexualidade e constituição do sujeito. Na conclusão do trabalho foram utilizados autores como Serge André (1998) e Colette Soler (2005), entre outros, com o objetivo de sintetizar os avanços da

psicanálise na questão feminina e analisar por quais vias pode ocorrer a constituição da mulher na modernidade.

3. A SEXUALIDADE FEMININA NA TEORIA FREUDIANA

3.1 As mulheres como sintoma de sua época e a criação da psicanálise

É possível observar a dificuldade de Freud em pensar sua teoria da sexualidade a partir da condição feminina, pois a lógica falocêntrica era dominante na época. Ele, inclusive, esclareceu que a superestimação do objeto sexual poderia ser mais bem estudada no homem, pois “a da mulher ainda está envolvida numa obscuridade impenetrável, em parte devido ao estiolamento causado pela civilização, em parte devido à convencional reserva e insinceridade das mulheres.” (FREUD, 1905, p.43).

Fato é que a sexualidade feminina era e é castrada pelo social e colocada no lugar do obscuro, submetida a um recalque inexorável. E era dessa sexualidade não falada, reprimida, insatisfeita e rechaçada pelo social que as histéricas de Freud adoeciam. A repressão neurótica era caracterizada por formações mentais submetidas ao inconsciente, que buscavam descarga afetiva e eram encontradas na histeria pela conversão em fenômenos somáticos, conhecidos como sintomas histéricos (FREUD, 1905). Dessa forma, “os sintomas são a atividade sexual dos doentes” (FREUD, 1905, p.60), sendo eles originados da repressão da sexualidade que, na época de Freud, atingia, principalmente, as mulheres, devido ao descaso com a sexualidade feminina naquele tempo.

Assim, as mulheres do início do século XX, expunham a insatisfação sexual no próprio corpo, através da conversão de seu sofrimento em sintomas histéricos. O que estava acontecendo era que, nesse período, ocorreu uma mudança progressiva na política, economia e na cultura da Europa devido à influência do liberalismo e do modo de vida burguês. Foi uma época de transição de pensamentos e estilo de vida em toda uma sociedade, e que afetou a subjetividade de todos, inclusive, das mulheres. Algumas mulheres, inspiradas pelos ideais de cientificidade e liberdade da burguesia, aspiravam outros papéis sociais aquém de esposa e mãe.

Dessa forma, a histeria foi a expressão possível que as mulheres encontraram para falar de suas experiências em um período no qual os ideais da feminilidade entraram em conflito com as aspirações que algumas mulheres tinham enquanto sujeito (KEHL, 2016). O sintoma da época ficou marcado pela histeria, através dos corpos das mulheres que não tinham liberdade para falar de seu sofrimento. Para Molina (2016), a psicanálise origina-se de algo que não quer calar, pois não se podia dizer: a dor das mulheres. Os sintomas da histeria não tinham explicação biológica, sendo atribuídos ao mistério e ao enigma que as mulheres encarnavam pela manifestação dos sintomas no corpo.

Segundo Molina (2016), a pós-modernidade ampliou as possibilidades subjetivas e o cenário cultural e político da época freudiana anunciava uma nova forma de ser e enxergar o mundo. Esse contexto de modificações permitiu o surgimento da psicanálise através da escuta da histeria, sendo possível escutar a sexualidade feminina que se convertia no corpo, através do retorno do recalçado. As mudanças na sociedade promoveram uma maior reivindicação feminina por ocupar outros papéis e espaços sociais e a psicanálise surge nesse momento, possibilitando a escuta do que as mulheres tinham a dizer sobre seu sofrimento. Para Molina (2016), Freud deu voz às mulheres através da “cura pela palavra”, depois de uma reivindicação de uma histérica pedindo que se calasse e deixasse-a falar.

É clara a dificuldade de Freud em teorizar acerca da sexualidade feminina em toda sua obra. O Complexo de Édipo sendo de fácil entendimento no menino, encontra complicações na menina. Apesar de ir além da diferença anatômica para explicar a diferença entre masculino e feminino, Freud apontou a importância do pênis na divisão sexual (MOLINA, 2016) e é sobre isso que vamos falar.

3.2 Avanços da psicanálise em seus ensaios sobre a sexualidade

Ao longo de sua obra, Freud se interrogou a respeito das diferenças sexuais entre o homem e a mulher. Inicialmente, ele pontuou as diferenças de base anatômica, e em seguida, indo além dessas questões abarcadas pela biologia e pelo saber médico, avançou em direção à Psicanálise, questionando-se quais as implicações de tais diferenças.

Sobre as diferenças anatômicas, o texto freudiano discute a presença do pênis como o órgão genital masculino e a presença do clitóris na menina. O clitóris é identificado por Freud como o órgão genital feminino análogo ao pênis, pois durante o desenvolvimento da sexualidade infantil até a fase da latência, o clitóris é o órgão sexual genital da menina. A vagina terá importância apenas ao desenvolvimento da sexualidade feminina adolescente e adulta, quando a menina abdica da satisfação clitoridiana em favor da feminilidade, da inibição sexual ou da masculinidade.

Para Soler (2005), além das diferenças subjetivas, o sexo depende sim de diferenciações biológicas tidas como naturais e visíveis nas diferenças anatômicas, o que está de acordo com o aforisma freudiano de que “a anatomia é o destino”, pois é a partir desta, por meio da linguagem e da constatação real, que as incidências e vicissitudes da sexualidade atingem os seres falantes. Assim, a partir da cultura, os pais acolhem o infans como homem ou mulher, norteados pela mínima diferença inscrita no corpo, com a qual o sujeito vai se haver para se constituir (KEHL, 2016). É, portanto, a anatomia que marca a diferença sexual no início da vida, na qual as crianças serão nomeadas como menino ou menina.

Dessa forma, se a sexualidade humana fosse estudada apenas do ponto de vista biológico, o homem e a mulher fariam um par que apontaria para a completude, no sentido da reprodução. Sob esse ponto de vista, o destino da sexualidade seria a junção do pênis com a vagina, com fins de procriação pela união do óvulo com o espermatozoide. Porém, Freud foi além disso na teorização sobre a sexualidade, introduzindo “as aberrações sexuais” no primeiro dos três ensaios, no qual é questionada a finalidade da sexualidade como tendo apenas objetivos de reprodução.

Sobre as chamadas “aberrações sexuais”, Freud dissertou acerca da variedade da sexualidade, sustentando seu argumento a partir das variações das metas e do objeto da pulsão. Freud descobriu que as pulsões são parciais e que não há pulsão genital no inconsciente (SOLER, 2005). Nesse primeiro momento de conceituação, ele define o objeto sexual como a pessoa da qual vem a atração sexual e a meta sexual como a ação à qual a pulsão impele (FREUD, 1905). A pulsão é definida por Freud como sendo “[...] o representante psíquico de uma fonte endossomática de estímulos que não para de fluir [...]” (FREUD, 1905, p.66). Assim, pode-se afirmar que há uma estreita relação da pulsão entre o psíquico e o físico. A partir da pulsão, homens e mulheres podem ter metas pulsionais passivas e/ou ativas, sendo o objeto o aspecto mais variável. Assim, o objeto sexual pode ser “invertido”, possibilitando escolhas objetais homossexuais. Ademais, a meta sexual tem um aspecto bissexual, pois encontram-se metas ativas e passivas em homens e mulheres. Portanto, a escolha de objeto é desviante da meta biológica, o que contraria que a sexualidade tenha apenas fins de reprodução.

Partindo dos “desvios sexuais”, Freud começou sua investigação sobre a sexualidade, para mostrar que o psiquismo é formado a partir da pulsão sexual e que são variados os destinos da pulsão no desenvolvimento psicosexual humano. Dessa forma, ele questionou, nesse texto, quais são as implicações das diferenças anatômicas para a constituição psíquica de homens e mulheres, chegando à conclusão de que a anatomia é o destino, pois o indivíduo nasce com um corpo biológico que, inicialmente, o situa na partilha dos sexos. Porém, a anatomia não é determinante na vivência da sexualidade, porque podem ocorrer diversos “desvios sexuais” a partir das contingências vividas.

Finalizando o primeiro ensaio sobre a sexualidade e indicando o segundo, Freud (1905) apontou que algumas experiências infantis são determinantes na escolha objetal. Com isso, concluiu que todos os seres humanos têm disposição a perversões sexuais, que podem oscilar na intensidade e ser enfatizadas pelas influências da vida. Nesse sentido, reafirmou que o objeto sexual é o aspecto mais variável da pulsão, e o fez através do estudo da homossexualidade e da perversão. Para tanto, argumentou que a pulsão é bissexual e pode escolher objetos diversos. Assim, há um vínculo frouxo entre a pulsão e o objeto que não é delimitado apenas pela anatomia. Antes, a escolha do objeto de amor está relacionada aos primeiros objetos, que exercem função materna e paterna, mostrando que todas as pessoas fazem uma escolha bissexual no início da vida. Dessa forma, a escolha de objeto pode ser narcísica, a partir da identificação com o próprio gênero, ou pode ser uma escolha que aponta para a “completude” sexual, através da escolha do gênero oposto.

Ao final do ensaio sobre “as aberrações sexuais”, Freud (1905) defendeu a ideia de que a sexualidade tem origem na infância, podendo resultar em neurose, perversão ou vida sexual normal. Vê-se, assim, que a sexualidade possui um papel central na constituição do psiquismo e é através dela que o estudo da neurose é possível.

Ainda implicado com as diferenças anatômicas, no segundo ensaio intitulado “A sexualidade infantil”, Freud discutiu que a etiologia das neuroses está vinculada a sexualidade, a qual, segundo ele mesmo, começa a se constituir desde o nascimento. A etiologia das “psiconeuroses [...] assentam em forças instintuais sexuais” (FREUD, 1905, p.59); a sexualidade infantil é perversa polimorfa, pois “[...] qualquer [...] parte da pele ou das mucosas pode servir de zona erógena, ou seja, deve possuir alguma aptidão para isso” (FREUD, 1905, p.88). A criança explora as zonas erógenas do corpo, servindo ao princípio do prazer e à libidinização do próprio corpo através do autoerotismo. Com a teoria da sexualidade infantil, Freud situou a origem da pulsão sexual na tenra infância. Contudo, explicou que, sendo a sexualidade submetida ao recalque, há uma amnésia infantil em relação aos primeiros anos de vida. “[...] As mesmas impressões que esquecemos deixaram, todavia, os mais profundos traços em nossa vida psíquica, e se tornaram determinantes para todo o nosso desenvolvimento posterior” (FREUD, 1905, p.76). Tais traços restam no inconsciente como marcas de uma sexualidade vivenciada, porém, esquecida, mas que irá reverberar no desenvolvimento da sexualidade adulta, principalmente das mulheres. A mulher terá que fazer um retorno a essa sexualidade primordial para conseguir atingir algo de sua própria feminilidade.

Falando sobre a sexualidade infantil, Freud especificou as fases pré-genitais e fases genitais. A organização pré-genital infantil foi definida por ele como sendo composta por fases onde as zonas genitais não assumem o papel preponderante. Ela é subdividida em fase oral e fase sádico-anal, nas quais as crianças buscam satisfação em várias zonas erógenas do corpo, causando fixações que são recalçadas, porém, que influenciam a sexualidade adulta.

Na fase oral, a pulsão infantil é majoritariamente passiva, pois a criança está inteiramente submetida aos cuidados maternos. Nessa primeira fase, “portanto, o instinto² sexual, na infância, não seria centrado, e seria, primeiramente, sem objeto, autoerótico” (FREUD, 1905, p.158). Com o acréscimo da fase sádico-anal, a pulsão ativa ganha um papel importante na sexualidade, destacando a bissexualidade pulsional. Nessa fase, “já se encontra desenvolvido o antagonismo que permeia a vida sexual; mas os opostos ainda não devem ser designados como masculino e feminino, e sim como ativo e passivo” (FREUD, 1905, p. 108 e 109). Portanto, apesar da diferença sexual não estar marcada, a criança se depara com a ambivalência da vida pulsional que constitui a sexualidade.

Apesar disso, pode-se dizer que, no pré-genital, há uma primazia do falo, pois as crianças criam teorias sexuais nas quais todas as pessoas têm um pênis. Isso diz respeito às nuances do Complexo de Édipo.

O complexo de Édipo, que ocorre na infância, e na fase fálica, é estruturante para o psiquismo humano, pois “[...] é o complexo nuclear da neurose, que constitui a parte essencial do seu conteúdo. Nele, culmina a sexualidade infantil, que, por seus efeitos ulteriores, influi decisivamente na sexualidade do adulto” (FREUD, 1905, p.148 e 149). Assim, todas as pessoas passam pelo complexo de Édipo, porém, há uma diferença para meninos e meninas a partir da diferença anatômica. O menino sai do complexo de Édipo pela ameaça de castração, com medo de perder o pênis, e a menina entra no complexo de Édipo por se descobrir castrada, em busca do falo. Essa dinâmica edipiana permanece por toda a vida, pois jamais será extinta, apenas sucumbe ao recalque, tendo influência na constituição da sexualidade adulta. Portanto, o “instinto sexual do adulto nasceria mediante a síntese de muitos impulsos da vida infantil numa unidade” (FREUD, 1905, p.156).

Com o advento do complexo de castração, o menino teme perder o pênis e a menina “é vencida pela inveja do pênis, que culmina no desejo, importante em suas consequências, de ser também um garoto” (FREUD, 1905, p.105). A menina passa primeiro pelo complexo de castração, sendo o complexo de Édipo uma formação secundária. Para o menino, por outro lado, com o complexo de castração, tem início o período de latência no qual as manifestações da sexualidade infantil serão reprimidas. Já na menina, Freud não compreende como se dá a saída do complexo de Édipo, mas aponta que é a partir da *penisneid* que se passa à busca por encontrar um modo de lidar com a castração e constituir sua sexualidade. A *Penisneid* pode ser compreendido como a “inveja do pênis” que a menina sente ao descobrir a castração no corpo. De acordo com Kusnetzoff (1982), o *Penisneid* tem função de disfarçar a carência anatômica fundamental, ou seja, disfarçar a castração. Portanto, para Freud, a partir da *Penisneid*, a mulher procura formas de compensar a castração através da feminilidade, da inibição ou da masculinidade.

Falando no período de latência, nele, a libido que antes estava investida na satisfação sexual passa a ser investida nos diversos objetos do mundo externo, provocando a sublimação da libido erótica infantil. “Durante esse período de latência, total ou parcial, são formados os poderes psíquicos que depois se colocarão como entraves no caminho do instinto sexual e, ao modo de represas, estreitarão seu curso [...]” (FREUD, 1905, p.80).

No terceiro ensaio sobre a teoria da sexualidade, Freud abordou “as transformações da puberdade” dizendo que, nessa fase, a pulsão sexual volta-se para os

² Aqui foi utilizado o termo “instinto” para se referir ao conceito freudiano “trieb” por se tratar de uma citação direta das obras completas de Sigmund Freud, pela editora Companhia das Letras. Sendo assim, ambos os termos, “pulsão” e “instinto”, se referem ao conceito “trieb”.

objetos sexuais e há uma primazia da zona genital na vida sexual, com função de reprodução. Em relação à sexualidade adulta, “a do homem é mais coerente, e também mais acessível à nossa compreensão, enquanto na mulher há, inclusive, uma espécie de involução” (FREUD, 1905, p.121). Esse trecho mostra a dificuldade inicial de Freud em teorizar sobre a sexualidade feminina. Para Molina (2016), na teoria freudiana, o feminino é uma subformação do seu suposto inverso, o masculino.

Para Freud (1905), nesse momento da obra, a conceituação de “masculino” e “feminino” está atrelada ao sentido de “atividade” e “passividade”, respectivamente. Há uma convergência entre atividade atribuída ao masculino e passividade atribuída ao feminino. Posteriormente, contudo, ele retificou essa ideia apontando que há que se pensar, por exemplo, que a sexualidade feminina na infância possui caráter masculino a partir da observação do autoerotismo e das atividades masturbatórias na menina (FREUD, 1905). Assim, a libido busca satisfação através do seu caráter ativo, como por exemplo, a estimulação clitoridiana. A explicação é que a libido é de natureza masculina, independente de homem ou mulher (FREUD, 1905), buscando satisfação de forma ativa. Como aponta Molina (2016, p.57), “feminino de mulher e masculino de homem, pois feminino e masculino são conceitos e mulher e homem são posições de existência”.

Assim, chega-se a conclusão de que a libido é masculina, pois a pulsão é sempre ativa, mesmo que sua meta seja passiva. No entanto, “cada pessoa apresenta, [...] uma combinação de atividade e passividade, tanto na medida em que esses traços de caráter psíquicos dependam dos biológicos como em que sejam independentes” (FREUD, 1905, p.139-140). Resumindo, nesse ponto da teoria, Freud fazia corresponder masculino a atividade e feminino a passividade e dizia que a pulsão teria metas passivas e ativas ao mesmo tempo devido ao seu aspecto bissexual. Portanto, devido ao caráter bissexual da pulsão, homens e mulheres teriam como metas pulsionais a atividade e a passividade.

As consequências com relação ao mencionado percurso da sexualidade infantil são importantes na demarcação da diferença sexual, visto que “a predisposição masculina ou feminina já é facilmente reconhecível na infância” (FREUD, 1905, p.138). Isso porque, apesar do caráter bissexual, a pulsão encontrará maior satisfação em uma de suas posições possíveis. Seja o pênis ou o seu substituto, o clitóris, no primeiro momento do desenvolvimento, ambos representam um caráter de atividade. Sendo assim, para teorizar sobre a sexualidade feminina, será preciso acompanhar os destinos da excitação clitoridiana (FREUD, 1905). É a partir do clitóris que a menina encontra uma satisfação pulsional ativa, porém terá que abdicar desta em favor da constituição da feminilidade, ao constatar as diferenças deste com relação ao pênis.

Visando aprofundar esse processo, Freud foi mais além, explicando que, no início do desenvolvimento a mãe dedica à criança “sentimentos que se originam de sua própria vida sexual: acaricia, beija e embala a criança, claramente a toma como substituto de um objeto sexual completo” (FREUD, 1905, p.144). Dessa forma, na relação entre a mãe e o bebê, está envolvida também a sexualidade da mãe que toma a criança como falo. Contudo, Freud aponta que, como a “atividade sexual se encontra sob a tutela especial da mãe, disso resulta [na menina] uma atitude hostil com o próprio sexo” (FREUD, 1905, p.153). Há uma hostilidade com o feminino no que ele encarna de castração e enigmático, que faz a menina sentir-se traída. Freud leva à conclusão de que a sexualidade da menina encontra-se atrelada à sexualidade da mãe, causando um estranhamento à feminilidade, algo da ordem do não querer saber da sexualidade feminina e da castração que a mulher encarna.

Sendo assim, enquanto o menino tem a mãe como objeto de amor, a menina faz uma troca de objeto, abdicando da mãe para reivindicar o amor do pai, restando disso uma ambivalência na relação com a mãe. Isso quer dizer que, para conseguir atingir sua feminilidade, a mulher tem que fazer um retorno às marcas da relação primordial com a função materna e se deparar com as marcas deixadas pela sexualidade materna no recalque primordial vivenciado pela criança. Passando por isso, na puberdade, há ainda uma repressão da masculinidade na mulher através da repressão da sexualidade clitoridiana para que a zona erógena principal seja a vagina (FREUD, 1905). Assim, a mulher adulta consegue atingir a feminilidade com o deslocamento da zona erógena para uma meta pulsional com fins passivos. Caso essa mudança de zona erógena não ocorra, implicará em consequências no desenvolvimento da sexualidade feminina adulta.

O que Freud fala sobre a mulher, em 1905, é que “a tendência à repressão sexual parece maior; ali onde aparecem instintos parciais da sexualidade, elas dão preferência à forma passiva” (FREUD, 1905, p.138). Portanto, a mulher faz uma escolha passiva a partir da repressão da atividade, para encontrar uma saída possível do complexo de castração. Sendo assim, “[...] para se tornar uma mulher é necessária uma nova repressão, que anula uma parcela de masculinidade infantil e prepara a mulher para a mudança da zona genital diretriz” (FREUD, 1905, p.160). Dessa forma, a mulher abandona a satisfação clitoridiana, de meta ativa, pela satisfação na zona genital, de meta passiva, com a finalidade de assumir a feminilidade.

Além de abdicar da satisfação clitoridiana, como dito, a mulher faz um retorno à fase pré-edipiana³ para ter acesso à feminilidade. Na tese freudiana, esse vínculo primitivo da menina com a mãe não é totalmente superado, sobrando restos de fixação à mãe (KUSNETZOFF, 1982). Na mulher adulta, ainda restam sinais de fixação pré-edipiana ao objeto materno, causando uma ambivalência no relacionamento entre a mãe e a filha (KUSNETZOFF, 1982). Podemos entender que tal ambivalência também se estende na relação entre as mulheres.

Diante dessa investigação sobre a sexualidade, Freud chega à conclusão de que “a anatomia é o destino”, pois não é sem consequências para o desenvolvimento psicosssexual. É pela anatomia que a criança primeiro vivencia sua sexualidade ao se deparar com a castração e pode ter acesso ao complexo de Édipo. A partir da frustração e revolta da menina e da angústia do menino diante da castração, cada sujeito responde de forma singular à sua sexualidade, baseados na pequena diferença inscrita no corpo. Assim, “as características sexuais anatômicas nos permitem diferenciar os sujeitos quanto ao gênero (homem ou mulher), conceito que inclui o sexo biológico, investido dos valores e dos atributos que a cultura lhe confere” (KEHL, 2016. p.12).

A anatomia leva o sujeito ao encontro com a diferença sexual de maneiras diferentes, acarretando na constituição estrutural. Pela marca anatômica, o sujeito tem que lidar com as contingências que se dão a partir do genital para o desenvolvimento da sua sexualidade, sendo convocado a tomar uma posição no complexo de Édipo. Mesmo com a importância fundamental da anatomia, a escolha objetual e as metas pulsionais não são determinadas pela biologia, sendo esta insuficiente para explicar a sexualidade humana por si mesma. Assim, para a psicanálise, “o inconsciente não conhece a biologia e, em matéria de vida, não abriga nada senão o que Freud descobriu nele: o

³ De acordo com Kusnetzoff (1982), o período pré-edipiano pode ser compreendido como o período desde o nascimento até a fase genital do Complexo de Édipo. Essa fase pré-edípica corresponde às vivências sexuais infantis que são experimentadas na dialética do prazer-desprazer, porém que não são representadas no inconsciente. Dessa forma, essa sexualidade primordial só pode ser representada a posteriori, em um efeito de retroatividade (KUSNETZOFF, 1982).

despedaçamento das chamadas pulsões parciais, oral, anal, escópica e invocante. Falta o que seria a pulsão genital, que apontaria para cada um o parceiro sexuado” (SOLER, 2005, p.16).

O que Freud tenta mostrar, enfim, com sua teoria é a existência de uma relação entre a posição anatômica e a posição sexual. Essa relação, apesar de não ser determinante, não é sem consequências na constituição da sexualidade. A anatomia não vai ser decisiva nas questões referentes à escolha objetal, porém, tem suma importância em relação às identificações imaginárias e aos pontos de fixações que influenciam a sexualidade da mulher.

3.3 A diferença sexual e a dissolução do Complexo de Édipo

A discussão sobre a sexualidade infantil iniciada por Freud no texto “Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905) é complementada em artigos posteriores, a exemplo do texto “A Dissolução do Complexo de Édipo”, de 1924. Nele, Freud (1924, p.204) retomou “[...] a importância do Complexo de Édipo como o fenômeno central do período sexual da primeira infância”, que sofre um declínio, seja pela frustração de sua concretização ou por fatores hereditários, mas que, após o recalque, gera efeitos sobre a vida sexual adulta e as escolhas de objetos de amor.

Como em textos anteriores, Freud deixou claro que, a partir da infância, o desenvolvimento sexual avança até a fase fálica, na qual o genital assume o papel principal, “mas esse genital é apenas o masculino, mais precisamente o pênis; o feminino não foi ainda descoberto” (FREUD, 1924, p.206). Isso significa dizer que o falo tem representação psíquica e equivale ao órgão masculino, mas não há uma representação psíquica do órgão genital feminino no inconsciente. O que há é uma negação da diferença sexual pelos dois sexos. O menino se rende a castração por medo de ser castrado, inclusive através da negação do sexo feminino, e a menina vai se render a castração pela fantasia de possuir um pênis em desenvolvimento (KUSNETZOFF, 1982). Assim, a feminilidade e a masculinidade são orientadas pelo falo, de forma que a posição masculina teme perder e a posição feminina tem o desejo de ter o falo, o que é traumático, por isso os efeitos da ameaça de castração através da valorização do falo são profundos e duradouros (FREUD, 1908) em todos os sujeitos.

Embora qualquer explicação pareça linear, lógica e obrigatória, segundo Kehl (2016), o impasse que a menina encontra na saída do Édipo se situa na constituição de uma *identidade* sexual e não há nada que a obrigue a ficar identificada apenas com os traços que compõem, na mãe ou em outras mulheres, o perfil ideal de seu gênero. Sendo assim, especificamente sobre a menina, Freud indicou que a organização fálica e o complexo de castração são diferentes. Para explicar isso, diz que o clitóris se comporta, inicialmente, como um pênis, porém, em comparação ao órgão do menino, é considerado pequeno e a menina sente-se prejudicada e inferior (FREUD, 1924). A menina imagina que irá crescer, mas quando isso não acontece, supõe que tinha um pênis, porém o perdeu pela castração (FREUD, 1924). Ainda assim, a princípio, ela assume que outras mulheres são fálicas.

O mistério dessa teorização reside no entendimento de que, como a menina não possui um pênis, a castração é tomada por ela como algo consumado e que é preciso tentar remediar. Mas, justamente, se a castração é tomada como algo consumado, não necessariamente temido, há uma exclusão da angústia de castração, ficando comprometido o supereu, como herdeiro dessa operação que constitui o Ideal do Eu e a interrupção da organização genital infantil (FREUD, 1924). Isso quer dizer que, pela ausência do pênis, a menina é castrada no corpo desde o nascimento, portanto, a ameaça

de castração não incide sobre ela da mesma forma que no menino. Sendo assim, a menina abandonaria o Complexo de Édipo de outras formas, seja por recalque ou deslocamento, e o supereu fica prejudicado (FREUD, 1925).

A possibilidade dada por Freud para compreensão desse fato foi pensar que a menina estende o Complexo de Édipo por mais tempo do que o menino, até que sucumbe ao recalque quando a menina se depara com a impossibilidade de ter o falo e passas aos deslizamentos por uma equação simbólica. Assim, não mais menina, mas na busca pela mulher, tentaria restituir o que falta através de representantes fálicos.

Apesar da exposição de Freud acerca do feminino, ele indica que “nossa compreensão desses processos de desenvolvimento da menina é insatisfatória, plena de lacunas e pontos obscuros” (FREUD, 1924, p.213). Portanto, o feminino é apontado por Freud como um “continente obscuro” em sua obra. Segundo Soler (2005), ao se perguntar “O que quer a mulher?” Freud aponta que o Édipo produz o homem, mas não é capaz de produzir a mulher.

3.4 A anatomia é o destino? A fase pré-edípica.

Freud percebeu que a anatomia não é o único destino, mas é o primeiro deles. Sozinha ela não dá conta de responder a maioria das questões acerca da sexualidade humana e, principalmente, da feminilidade. Isso é abordado nos textos “Sobre a sexualidade feminina”, de 1931, e “A feminilidade”, de 1933, nos quais Freud se depara, mais uma vez, com a natureza da feminilidade e a dificuldade de teorizar acerca disto.

A mulher, como aquela que detém a castração encarnada no próprio corpo, é a maior representação do feminino ao longo da história. Porém, para a psicanálise, existem posições subjetivas do feminino e do masculino que não se restringem às barreiras impostas pelo corpo biológico. Como aponta Freud no texto “A feminilidade” (1933), o masculino e o feminino se mesclam nos indivíduos com proporções diferentes e a partir de oscilações extraordinárias. Assim, a diferença sexual é marcada não só pelo corpo, mas também é inscrita pela pulsão.

Em “Sobre a sexualidade feminina”, de 1931, Freud abordou a já mencionada fase pré-genital nas mulheres como tendo fundamental importância no desenvolvimento da feminilidade. Ele afirma que a menina, nessa fase, vivencia uma forte ligação com a mãe ou quem exerce a função materna que “[...] dá espaço para todas as fixações e recalques, aos quais remetemos a origem das neuroses [...]” (FREUD, 1931, p.286). A forte ligação com a figura materna nos primeiros anos de vida da menina oferece os primeiros pontos de fixação e de recalque que não passam pela representação, pois a criança não possui recursos para isto nesta fase. Dessa forma, resta um enigma da fase pré-genital da mulher como marca no seu psiquismo que resiste a representação por se tratar de um recalque anterior à assunção da linguagem e que remete a origem da sua neurose.

A psicanálise mostra que a sexualidade humana resta como uma ausência, um não-saber estrutural e traumático, do qual o sujeito não quer saber (TEIXEIRA, 2010). Assim, a sexualidade sofre intensos recalques e sublimações no inconsciente, que está na origem da neurose. A descoberta de Freud sobre a sexualidade causa espanto, pois atrelou a sexualidade humana ao inconsciente como um impossível, dizendo que há um limite no saber sobre o sexo e mostrou a barreira intransponível estrutural que não se vence com nenhuma liberação sexual (FUENTES; ANTELO, 2017).

Como as neuroses começam a se constituir antes mesmo do Complexo de Édipo, as questões que serão problemáticas na feminilidade do sujeito que se constitui na

posição feminina estão relacionadas ao período anterior ao Édipo. A etiologia da histeria, por exemplo, encontra-se nesse período pré-genital de estruturação do psiquismo feminino que é submetido a um recalque inexorável (FREUD, 1931). Sobre isso, no artigo de 1933, Freud distinguiu duas figuras de mãe: "A pré-edípica, sobre a qual se apoia a vinculação afetiva com a mãe e esta é tomada como modelo, e a camada subsequente, advinda do Complexo de Édipo, que procura eliminar a mãe e tomar-lhe o lugar junto ao pai" (p.133).

Segundo Freud (1931), essa forte ligação afetiva com a figura materna pré-edípica pode explicar o germen da futura paranoia na mulher. Essa paranoia de ciúmes que existe entre as mulheres pode ser explicada pelo fato de que o "amor infantil é ilimitado; exige a posse exclusiva, não se contenta com menos do que tudo" (p.239).

Nessa fase pré-edípica seria formulado o desejo de ser mãe, fruto do processo de identificação com a mãe originária.

A fase da ligação afetiva pré-edípica, contudo, é decisiva para o futuro de uma mulher: durante essa fase são feitos os preparativos para a aquisição das características com que mais tarde exercerá seu papel na função sexual e realizará suas inestimáveis tarefas sociais (FREUD, 1933, p.133).

Nesse ponto, pode-se pensar, inclusive, que "a preferência da menina por bonecas provavelmente constitui prova da exclusividade de sua ligação à mãe, com negligência completa do objeto paterno" (1931, p.245). Todavia, como aponta Sales (2000, p.68), esse brinquedo não é ainda, de fato, expressão da feminilidade na criança. Ele serve como identificação com a mãe. "Ela estava desempenhando o papel de sua mãe, e a boneca era ela própria, a menina". Isso não é senão o prelúdio do surgimento do desejo de ter um pênis, de forma que a boneca-bebê se torna um bebê obtido de seu pai e, de acordo com isso, o objetivo do mais intenso desejo feminino (FREUD, 1933, p.128 apud SALES, 2000, p.68).

No entanto, essa fase não é tão simples. Freud adverte que a criança nutrida pela mãe apresenta também temores de ser devorada. Ademais, tem um longo repertório de queixas e acusações com relação a esta, por ter sido escassa, por ter "traído" a confiança, por ser repressora. E assim vão sendo traçadas as pistas sobre a rivalidade entre as mulheres na fase adulta.

3.5 Consequências psíquicas e a escolha do objeto de amor

Em "Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos" (1925), Freud continuou a discussão sobre a sexualidade infantil, ressaltou a importância da investigação psicanalítica acerca da atividade pulsional para a teorização e prática analítica e deixou novamente claro que utilizou o sexo masculino como base para formular a teoria da sexualidade. Segundo ele, era possível imaginar que, na menina, acontecesse de forma diferente em algum aspecto, porém, não dava para ter clareza do ponto do desenvolvimento no qual se encontra a distinção (FREUD, 1925). Pensando nisso, ele esclareceu que percebeu que a escolha objetal do menino parecia ser de mais fácil compreensão, pois não havia mudança, sendo sempre a mãe o objeto de amor. Na menina, contudo, havia um problema a mais, pois era preciso que ela abandonasse a mãe para que o pai tomasse seu lugar (FREUD, 1925). Assim, a menina precisaria fazer uma mudança no objeto de amor e Freud se pergunta como ela faz isso.

Algumas das conclusões as quais ele chegou envolvem os seguintes explicações: ao perceber que todas as mulheres são castradas, haveria a criação de uma

ferida narcísica na menina que estabeleceria um sentimento de inferioridade. Esse sentimento a levaria a compartilhar o menosprezo que o homem tem em relação ao sexo feminino e a começar a insistir na sua igualdade com o homem (FREUD, 1925). De forma mais escandida, acontece que, ao se deparar efetivamente com sua castração e perceber que está em todas as mulheres, a menina volta-se contra a mãe que a fez castrada igual a ela. A relação da menina com a mãe sofre, então, um afrouxamento (FREUD, 1925). Com a hostilidade contra a mãe, a menina elege o pai como objeto de amor, pois cria uma fantasia de obter dele o falo que lhe falta. A partir do rechaço à castração que a mãe e as demais figuras femininas encarnam, a menina estabelece sua identificação com o homem, na tentativa de restituir o falo. Através disso, ela consegue trocar de objeto e é instaurada a “inveja do pênis” que acarreta várias consequências ao desenvolvimento da feminilidade. A conclusão desse artigo de Freud sobre a diferença entre os sexos é, enfim, que o complexo de castração inibe a masculinidade, dando espaço para o desenvolvimento da feminilidade (FREUD, 1925).

Todavia, nem tudo estava explicado, porque, além da mudança de objeto, a menina teria que fazer uma mudança de zona erógena no seu desenvolvimento sexual. Como a masturbação do clitóris é uma atividade masculina, ou seja, remete à pulsão ativa, seria necessário eliminar a sexualidade clitoridiana para ocorrer o deslocamento da feminilidade (FREUD, 1925). A menina abdica, portanto, do prazer da masturbação clitoridiana em favor da feminilidade, na tentativa de suprir a falta do falo. Isso perdura até que a menina reconhece a diferença sexual, abandona a masculinidade por não conseguir obter o falo e procura formas de compensação fálica pelos deslocamentos da feminilidade. Assim, a libido da menina desliza para outros posicionamentos a partir da equação simbólica norteadada pelo pênis (FREUD, 1925).

Freud fala disso em 1933, no texto “A feminilidade”, ao indicar três saídas possíveis do Complexo de Édipo na mulher, ou seja, indicações de saídas do feminino pela via fálica. Dessas saídas apontadas, “uma leva à inibição sexual ou à neurose; a seguinte, à alteração do caráter, no sentido de um complexo de masculinidade; e a última, finalmente, à feminilidade normal” (FREUD, 1933, p.327). Em relação à “cura das mulheres”, Freud aponta que a única saída possível é a da feminilidade normal, na qual o destino das pulsões se resolveria pelo investimento em fazer-se mulher como a mãe para receber um bebê/falo de um homem (KAHL, 2016).

Uma das compensações mais saudáveis realizada pelas meninas, e apontada por Freud, é a vontade de ter um filho do pai e o ciúme da mãe (FREUD, 1925). O pai torna-se o objeto de amor e a mãe é fonte de ódio e hostilidade. A mãe torna-se a rival com quem a menina tem que disputar pelo amor paterno. É importante dizer que o desejo de ter filhos é apontado como uma compensação nessa fase infantil, mas também para toda a vida. Nesse ínterim das compensações femininas apontadas por Freud, há o apelo à beleza e a sedução como meios de tornar-se objeto de um homem que lhe daria um filho, fazendo ter efeito a equação simbólica bebê - falo.

Segundo Kehl (2016), vê-se que, apesar de ter escrito que ninguém nasce homem ou mulher, Freud não escapou às tentativas científicas de estabelecer a natureza e buscar a verdadeira essência das sexualidades masculina e feminina. E isso aparece ainda em outro ponto, quando, por exemplo, Freud apontou que a mulher tem uma disposição muito maior a bissexualidade pulsional do que o homem. A explicação dada por ele à bissexualidade feminina é que “o homem possui só uma zona sexual orientadora, um órgão sexual, enquanto a mulher possui duas delas: a vagina, propriamente feminina, e o clitóris, análogo ao órgão masculino.” (FREUD, 1931, p.288). Para Kehl (2016), o que Freud aponta como “bissexualidade das mulheres”

indica um destino mais plástico e aberto a uma maior diversidade de escolhas na sexualidade feminina.

A menina passaria por uma dupla operação: trocar o clitóris pela vagina e a mãe pelo pai como objeto de amor. A mencionada busca de Freud pela essência feminina neste caso aparece quando ele aponta que a mulher desloca sua posição de uma pulsão ativa para uma pulsão passiva e forma-se uma repressão à agressividade “[...] que é prescrita constitucionalmente e imposta à mulher socialmente [...]” (FREUD, 1933, p.317). Essa repressão “[...] favorece a formação de intensas moções masoquistas, que conseguem vincular eroticamente as tendências destrutivas voltadas para dentro. O masoquismo é, portanto, como se diz, legitimamente feminino” (FREUD, 1933, p.317). Dessa forma, a pulsão ativa que foi reprimida pelas mulheres faz com que a agressividade da pulsão volte-se para o Eu ao invés de ser externada para outros, associando o feminino ao masoquismo.

Para Freud, o feminino é resultado da junção de normas sociais e constitutivas que resultam em um conceito atrelado à passividade, pulsão e masoquismo (MOLINA, 2016). Essa repressão da agressividade na mulher se deve a fatores de ordem social que implicam em fatores psíquicos. Nesse ponto, é importante destacar a existência do universo discursivo e o modo como o social afeta o psíquico. Toda a questão da feminilidade se coloca numa posição de discurso que permite ou não que o sujeito ascenda à feminilidade.

4. “A MULHER NÃO EXISTE” NA TEORIA LACANIANA

Viu-se que, tomando o falo como a norma e guiando-se por ele, Freud elaborou a psicanálise a partir de uma lógica falocêntrica. Para Molina (2016), parece que nem sempre ele conseguiu levar adiante sua escuta do feminino, seguindo pela falocracia que silenciava as mulheres. Por isso é que muitos pensam que quando a psicanálise entrou no debate sobre a feminilidade, ficou presa ao fundamentalismo fálico e apontou que o feminino seria um desdobramento do masculino, um avesso (MOLINA, 2016).

O impasse com o feminino, contudo, talvez se deva realmente ao fato da teoria freudiana pensar a mulher a partir do falo, sem conseguir atribuir ao feminino uma outra lógica, para além deste. Nesse sentido, justifica-se, através de Soler (2005), a passagem por Lacan, neste trabalho. Segundo a autora, o falocentrismo, pelo qual Freud foi criticado e acusado de depreciar as mulheres, foi questionado e repensado com as teses de Lacan.

4.1 O Complexo de Édipo em Lacan

Com os avanços teóricos feitos por Jacques Lacan, a partir da teoria freudiana, as questões acerca da feminilidade e do feminino começaram a ser abordadas extensamente na psicanálise. Partindo de Freud e de sua questão, deixada em aberto no texto “A feminilidade” (1933), sobre “O que é a mulher?”, Lacan se propôs a investigá-la e respondê-la ao longo de seus Seminários e Escritos. Assim foi que, ao avançar além do Édipo, ele formalizou sua tese em referência a lógica da linguagem (SOLER, 2005), não apenas do falo.

Em seu “Seminário 5 - As formações do inconsciente”, Lacan apresentou uma de suas releituras, a que toca a lógica da castração a partir da discussão de três tempos do Complexo de Édipo. Falando sobre isso, ele explicou que, em princípio, o inconsciente revela o Complexo de Édipo através do recalque do desejo primordial que a criança tem pela mãe (LACAN, 1957-1958). Esse desejo primordial e incestuoso,

apesar de estar submetido à amnésia infantil pelo recalque, tem efeitos sobre o inconsciente e está sempre presente na vida do sujeito.

Reconhecendo a importância desse momento, Lacan discute antes o “campo pré-edipiano”, se referindo ao que Freud apontou como aquilo que se passa antes do Édipo (LACAN, 1957-1958). A diferença básica entre os dois está no fato de que a importância conferida por Freud ao campo pré-edipiano só ocorre através do Édipo (LACAN, 1957-1958), ou seja, em uma retroação. Sendo assim, essa fase seria simbolizada apenas a posteriori, a partir da incidência da metáfora paterna⁴ no simbólico. O campo pré-edipiano ao qual Lacan se refere, no entanto, diz respeito ao momento anterior ao complexo de castração, no qual a criança se encontra em uma posição de alienação ao Outro materno.

Pensando nisso e partindo de algumas contribuições de Melanie Klein à psicanálise, Lacan abordou as descobertas dela sobre a predominância do imaginário no campo pré-edipiano e a existência do pai no corpo da mãe, representado pelo falo, mostrando o aparecimento do termo paterno desde os primórdios (LACAN, 1957-1958). Assim, a representação do falo pela via do registro imaginário já se faz presente na fase pré-edipiana através da figura materna.

Além disso, Lacan abordou a relação do Complexo de Édipo com a genitalização. Ele apontou a função normativa do Complexo de Édipo para a assunção do sexo e a relação dupla deste com a maturação biológica (LACAN, 1957-1958). Portanto, há uma maturação do sexo biológico, e uma assunção do sexo pelo sujeito através do Complexo de Édipo, que convergem para a posição que o sujeito pode tomar diante do seu gênero. Nesse momento de sua obra, Lacan diz que o Édipo resulta em virilidade e na feminilização, relacionando essas funções ao Ideal do eu (LACAN, 1957-1958). Assim, a primeira clínica lacaniana apresenta uma abordagem dicotomizada da assunção do sexo, atribuindo uma saída viril e uma saída propriamente feminina do Complexo de Édipo, porém sem atrelar o sexo biológico a uma saída determinada.

Nesse mesmo Seminário, na parte intitulada “O valor de significação do falo”, Lacan explorou ainda mais a questão da sexualidade feminina a partir da lógica fálica. No Complexo de Édipo em Lacan, a mãe aparece enquanto o primeiro objeto simbolizado pela criança, do qual a ausência ou presença de tal objeto se torna signo do desejo do Outro para que possa advir o próprio desejo do sujeito (LACAN, 1957-1958).

O pai advém como o terceiro termo, pivô da separação entre a criança e o Outro, ao apontar para a falta no Outro. A tríade simbólica fundamental (mãe, pai e criança), introduz na criança a função constitutiva do falo, a partir da assunção do falo como significante fundamental pelo qual é fundado o desejo do sujeito (LACAN, 1957-1958). Assim, o falo está para todos os sujeitos como significante primordial que funda o simbólico e ordena a cadeia significante, possibilitando ao sujeito tomar uma posição diante da sexualização.

Abordando a fase fálica na mulher, Lacan diz que Freud mostra que, na mulher e no homem, o falo está no centro (LACAN, 1957-1958). Assim, Lacan apresenta a questão paradoxal do falo por se apresentar como central para a constituição de todos os sujeitos, independente do sexo biológico. A assunção do significante fálico pelo sujeito se dá por uma mutilação fundamental pela qual o falo se torna o significante do poder (LACAN, 1957-1958). Pelo complexo de castração, é possível a inscrição do significante fálico no simbólico, no qual o falo consegue assumir a posição de significante do desejo do sujeito.

⁴ A metáfora paterna diz respeito à simbolização do Nome-do-Pai tendo como função a separação entre o sujeito e o Outro e a conseqüente fundação do sujeito no campo simbólico

Na primeira fase do Complexo de Édipo, o menino e a menina desejam a mãe, sendo o falo o centro da dialética feminina e masculina. Nesse momento de alienação, “a menina se supõe, a princípio, provida de um falo, como também acredita que sua mãe seja provida de um falo.” (LACAN, 1957-1958, p.286). Esse suposto falo que a mãe possui, deixa marcas referentes à feminilidade da mãe no inconsciente da menina, que terão significação a posteriori. Na fantasia fálica, a menina se apresenta na posição masculina diante da mãe, sendo necessária uma intervenção de alguma coisa para que ela reconheça sua posição feminina (LACAN, 1957-1958). O reconhecimento dessa posição feminina não é sustentado por coisa alguma, sendo faltante desde o primórdio (LACAN, 1957-1958). Assim, o sexo da mulher, que sustentaria certa posição feminina, não tem representação significativa e, portanto, não se inscreve no inconsciente. Apenas o falo é o significante da sexualidade que tem representação no inconsciente e que sustenta uma posição viril e masculina. A partir do falo, a menina terá que encontrar outro meio de representação de sua posição feminina que não seja toda fálica para poder assumir sua feminilidade.

Ademais, Lacan aponta para experiências primitivas vividas na primeira infância que deixam um vestígio, contrariando a versão de um desconhecimento primitivo (LACAN, 1957-1958). Tais experiências permitiriam o estabelecimento de uma equação simbólica, relacionando o corpo da mãe com a feminilidade. Através dessas marcas deixadas no inconsciente, algo da feminilidade da mãe marcaria a menina, como representantes primordiais do feminino. A figura da mãe encontra-se relacionada às manifestações do gozo feminino, pois, em sua história primitiva, o sujeito demandou uma resposta da mãe sobre o ponto indizível do feminino localizado a partir da divisão do Outro. Para atender a essa demanda, a mãe apareceu no lugar de mulher. Diante da divisão do Outro materno, aparece o gozo feminino. Esse gozo do qual o sujeito demandou uma resposta, aparece sem consistência, marcando um ponto de intransmissível e de indizível, que pode retornar para o sujeito através da experimentação do gozo feminino.

Na fantasia fálica, a menina se apresenta na posição masculina diante da mãe, sendo necessária uma intervenção de alguma coisa para que ela reconheça sua posição feminina (LACAN, 1957-1958). O reconhecimento dessa posição feminina não é sustentado por coisa alguma, sendo faltante desde o primórdio (LACAN, 1957-1958). Assim, o sexo da mulher, que sustentaria certa posição feminina, não tem representação significativa e, portanto, não se inscreve no inconsciente. Apenas o falo é o significante da sexualidade que tem representação no inconsciente e que sustenta uma posição viril e masculina. A partir do falo, a menina terá que encontrar outro meio de representação de sua posição feminina que não seja toda fálica para poder assumir sua feminilidade.

Sobre a sexualidade feminina, “o órgão clitoridiano dos primeiros prazeres ligados à masturbação pode fornecer o começo da fantasia fálica que desempenha o papel decisivo do qual nos fala Freud” (LACAN, 1957-1958). Portanto, a virilidade da menina começa no clitóris, iniciando a fase fálica feminina. A menina entra no Complexo de Édipo pela frustração, por não ter o falo, e surge o seu interesse em assumir uma posição feminina para apreender o falo no outro.

Além disso, Lacan abordou a relação do Complexo de Édipo com a genitalização. Ele apontou a função normativa do Complexo de Édipo para a assunção do sexo e a relação dupla deste com a maturação biológica (LACAN, 1957-1958). Portanto, há uma maturação do sexo biológico, e uma assunção do sexo pelo sujeito através do Complexo de Édipo, que convergem para a posição que o sujeito pode tomar diante do seu gênero. Nesse momento de sua obra, Lacan diz que o Édipo resulta em virilidade e na feminilização, relacionando essas funções ao Ideal do eu (LACAN,

1957-1958). Assim, a primeira clínica lacaniana apresenta uma abordagem dicotomizada da assunção do sexo, atribuindo uma saída viril e uma saída propriamente feminina do Complexo de Édipo, porém sem atrelar o sexo biológico a uma saída determinada.

Em Lacan, são colocadas três modalidades diferentes do Penisneid durante todo o percurso da constituição da sexualidade feminina. A primeira é no sentido da fantasia, no qual é conservado o desejo de que o clitóris seja um pênis, sendo marcado pela castração. A segunda refere-se ao desejo pelo pênis do pai, que é frustrado pela proibição edipiana, sendo marcado pela frustração. A terceira é o desejo de ter um filho do pai, ou seja, de possuir o pênis de forma simbólica, sendo marcado pela privação (LACAN, 1957-1958).

4.2 O gozo feminino e a assunção sexual

No seminário 20, intitulado “Mais, ainda”, Lacan abordou o conceito de gozo para a psicanálise articulado ao feminino. Iniciou falando sobre a impossibilidade da relação sexual, pois argumenta que não há como fazer Um, fora do campo da identificação. Assim, no imaginário há uma fantasia de unidade através da identificação que não se sustenta no simbólico, no qual o desejo denuncia a incompletude inerente ao ser. Portanto, “[...] o que chamamos de gozo sexual é marcado, dominado, pela impossibilidade de estabelecer, como tal, em parte alguma do enunciável, esse único Um que nos interessa, o Um da relação sexual.” (LACAN, 1972-1973, p.14). No simbólico, essa unidade é impossível de se sustentar devido a relação desse registro com o campo do Outro. Como o Outro é barrado, o simbólico não sustenta a completude ao apontar para a falta no Outro.

Diferente de Freud, é a partir do ponto para além do falo que Lacan pensa a feminilidade. Nesse sentido, Lacan afirma que “A mulher não existe”, pois não há um significante no inconsciente que possa universalizar os sujeitos situados do lado não todo da sexuação. Portanto, Lacan (1972-1973) diz que não há A mulher, pois este artigo é usado para definir o universal e não existe um significante que dê conta do gozo feminino ou que nomeie o feminino no universal. O feminino é inapreensível pelo simbólico, não há significante que inscreva o gozo feminino no Um, como uma unidade universal.

Depois, introduzindo a sexuação, aponta o homem como o ser sexuado, pois é o portador do órgão dito fático, ao qual “[...] o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo” (LACAN, 1972-1973, p.14). Nesse ponto, corroborando com a teoria freudiana, Lacan mostra que o sexo do homem tem inscrição no inconsciente a partir da inscrição do falo; para a mulher, não há tal inscrição de significante e, por isso, o sexo da mulher não diz nada ao homem, a não ser a partir do lugar de objeto que uma mulher possa ocupar para obter o gozo fático. Segundo Soler (2005), Lacan formulou a diferença entre os sexos pela oposição de duas lógicas: a do todo-fático nos homens e do não-todo fático nas mulheres.

Tudo gira ao redor do gozo fático e a mulher se define por uma posição com o não-todo em referência ao gozo fático (LACAN, 1972-1973). Assim, Lacan situa a fórmula da sexuação como uma posição do sujeito diante do gozo, sendo o sujeito aquele que goza de um lado do ser sexuado. Ademais, o gozo do Outro só se promove pela infinitude (LACAN, 1972-1973), sendo correlato ao gozo feminino como gozo Outro, sem barra. Porém, o gozo é marcado por um furo que não lhe deixa outra saída que não seja a via do gozo fático (LACAN, 1972-1973), mostrando que o gozo feminino pode ser barrado pelo gozo fático. O gozo, enquanto relacionado ao Outro, é

sempre furado, marcado pela incompletude que o Outro denuncia em sua falta. Assim, “O outro gozo, suplementar, que, longe de excluir a referência ao falo, soma-se a ela, não deixa de ser situável por uma outra lógica, esta não de conjunto: a do não-todo.” (SOLER, 2005, p.17).

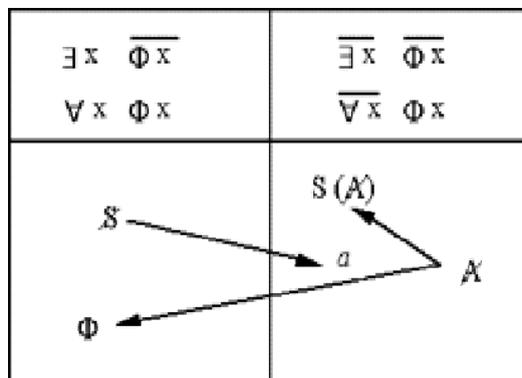


Figura 1. Fórmula da sexuação

Na figura 1, podemos observar a fórmula da sexuação descrita por Lacan. Do lado direito teremos o lado feminino da sexuação. Este lado “[...] não permitirá nenhuma universalidade, será não-todo [...]” (LACAN, 1957-1958, p.86).

Em relação à posição feminina na fórmula da sexuação, “o ser sexuado dessas mulheres não-todas não passa pelo corpo, mas pelo que resulta de uma exigência lógica na fala” (LACAN, 1957-1958, p.16 e 17). Como não há inscrição do sexo da mulher no inconsciente, é impossível fazer Um (no sentido de universal) com o feminino, sendo necessário uma outra lógica, fora do corpo, que exige uma-a-uma. A exigência do Um é do Outro; o ser exige infinitude (LACAN, 1957-1958). As mulheres são contadas uma a uma, escapando da lógica do Outro que exige o Um da fusão universal.

Para pensar o gozo Outro a partir da lógica do discurso, Lacan afirma que, “[...] a mulher não é toda, há sempre alguma coisa nela que escapa ao discurso” (LACAN, 1957- 1958, p.38). Portanto, há uma dimensão do gozo feminino que não passa pelo ciframento da linguagem, escapando a palavra e deixando o sujeito à deriva. Para a mulher, a dimensão do gozo feminino denuncia que ela é não-toda, “[...] que a faz em algum lugar ausente de si mesma, ausente enquanto sujeito [...]” (LACAN, 1957-1958, p.41).

A partir disso, a psicanálise considera o feminino como enigmático tendo uma parte de Real. Segundo Fuentes (2009), o feminino é o que insiste em não se inscrever no simbólico. Assim, o feminino se apresenta enquanto um Real que afeta o ser falante, buscando soluções de nomeação diante da inexistência do significante da mulher no inconsciente. Para Soler (2005), ao logicizar o Édipo, Lacan reduziu o seu alcance e, quanto ao que merece ser chamado de mulher, é de outra coisa que se trata. A mulher se define na posição de não-toda em relação ao gozo fálico (LACAN, 1972-1973), ou seja, o gozo feminino é não-todo fálico. A mulher, sendo não-toda fálica, nomeia o feminino através da invenção de semblantes. Assim, ela tem que inventar sua existência na linguagem, através de significantes além do falo. Por ser não-todo e por se situar fora da linguagem, o feminino é da ordem do Real, impossível de ser simbolizado no estatuto de um significante que diga o que é A mulher.

O gozo feminino, por ter relação com o Real, pode ser causa de angústia ao sujeito. Das marcas desse encontro entre o sujeito e o gozo feminino podem ocorrer o

que Lacan chamou de “manifestações”, que podem aparecer como devastações ou transbordamentos. Porém, essas manifestações são esporádicas, em contraste com a constância da função fálica para todo homem (SOLER, 2005).

Neste seminário, Lacan corrobora com a saída da feminilidade pela via da maternidade que Freud havia teorizado. Ao dizer que “a mulher só entra em função na relação sexual enquanto mãe” (LACAN, 1972-1973, p.40), aponta a maternidade como suplência ao não-todo do gozo feminino. A criança pode ocupar o lugar de a, ao barrar o gozo da mulher e inscrever algo da relação sexual. Outra suplência à relação sexual é o amor, quando a mulher se coloca na posição de objeto que faz sintoma para o homem. Portanto, a linguagem pode fazer suplência à relação sexual através de um significante qualquer.

Há duas maneiras do sujeito girar em torno do fato de não existir a relação sexual: uma maneira masculina e uma outra, a maneira feminina que se elabora pelo não-todo (LACAN, 1957-1958). Essa divisão da relação sexual em dois modos possíveis de inscrição é a única forma possível de realização da relação sexual que não existe. Não há relação sexual pois dela é extraído um gozo, que confere um a mais na relação do sujeito com o objeto, fazendo da completude algo impossível. O gozo feminino tem a ver com a relação sexual que não existe, pois ele é produto dessa relação.

Em relação à diferença sexual, o homem e a mulher são apenas significantes, enquanto o Outro só pode ser o Outro sexo (LACAN, 1972-1973). Com a fórmula da sexuação, homem e mulher são significantes que vêm do Outro, com os quais o sujeito tem que se haver para tomar uma posição diante deles. Assim, como entre o homem e a mulher há o Outro, a relação sexual não existe, pois ao Outro falta, há um furo nessa relação que não permite a completude.

Após a constituição do sujeito, “a realidade é abordada com os aparelhos do gozo” (LACAN, 1972-1973, p.61), ou seja, a partir da posição que o sujeito ocupa na sexuação. No ser falante, o que funciona como aparelho de gozo é a linguagem. Assim, o sujeito posicionado do lado homem ou do lado mulher na sexuação, só pode tomar o oposto como o Outro sexo, como a alteridade sexual. Para fazer suplência a não existência da relação sexual, o lado homem da sexuação circula em torno do objeto a, como objeto causa de desejo na fantasia, no qual uma mulher pode vir a ocupar esse lugar de objeto. Assim, o homem não aborda a mulher, mas sim o objeto a, causa de seu desejo.

Porém, “do lado de A mulher, é de outra coisa que não do objeto a que se trata no que vem em suplência a essa relação sexual que não há” (LACAN, 1972-1973, p.69). Como a relação sexual não existe, o ser falante só pode buscar suplências para dar conta de sua não existência. Do lado mulher da sexuação, o ser falante “[...] se funda por ser não-todo a se situar na função fálica” (LACAN, 1972-1973, p.78-79). Portanto, é essa posição de não-toda em referência ao falo que caracteriza a posição feminina e que proporciona o acesso da mulher a uma outra satisfação com um gozo para além do falo.

Para falar sobre o gozo feminino, Lacan introduz a outra satisfação, além do gozo fálico. Essa outra satisfação, se distingue por não ser totalmente circunscrita pela linguagem, ao apresentar uma parte Real. Assim, “não há mulher senão excluída pela natureza das coisas que é a natureza das palavras [...]” (LACAN, 1972-1973, p.79). Desse modo, não há um significante que ordene e que ancore o sujeito feminino à universalidade, como há do lado masculino pelo significante fálico.

A mulher, por ser não-toda, tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar, do qual a mulher nada sabe (LACAN, 1972-1973). O lado

mulher possui diversas formas de abordar o falo, extraindo dele um gozo fálico e um gozo Outro. O gozo feminino é sem significação, pois “A mulher não existe”, e sobre esse gozo, a mulher não sabe nada a não ser que o experimenta. Há uma face indizível no gozo feminino que faz com que este seja um modo de satisfação enigmático. Por ter uma parte que é impossível de simbolizar, esse gozo tem uma relação com o corpo, podendo ser testemunhado como experiência de deslocalização ou falta de consistência corporal.

Lacan faz uma relação do gozo feminino com a mística, no sentido de que os místicos experimentam algo do que não sabem nada sobre isso que é experimentado, a não ser que o experimentam (LACAN, 1972-1973). Nisso, o gozo feminino é relacionado à mística, pois não se presta a fixar o sujeito nos limites de seu próprio corpo, se diferenciando, nesse aspecto, do gozo fálico.

Com a fórmula da sexuação, Lacan divide dois lados, o lado homem e o lado mulher como duas formas suplementares em que o ser falante pode ser marcado pela linguagem. Do lado homem, a fórmula indica que, pela função fálica, o homem como todo se inscreve no inconsciente (LACAN, 1972-1973). Porém, no lado homem também se inscreve a função do pai que aponta para o limite da função fálica ao denunciar com a castração que não há inscrição da relação sexual. A posição masculina apresenta um modo de gozo fálico, no qual o ser falante que se situa desse lado atua com o uso de semblantes de ter o falo e tentam se unificar em uma lógica universalizante.

Em relação ao lado mulher, os seres sexuados que se inscrevem desse lado serão não-todo e não permitirá nenhuma universalidade (LACAN, 1972-1973). Essa posição não-toda fálica, inerente ao feminino, é onde se posicionam os sujeitos que acessam uma modalidade de gozo que, ainda que tenham como referência o falo, experimentam um gozo mais além do falo, uma outra satisfação.

5. ENFIM, O QUE É A MULHER HOJE?

5.1 A Feminização do mundo e a disputa de gozo

Diante dessa breve teorização freudiana e lacaniana, o que pensar sobre a mulher hoje?

A partir da ascensão do capitalismo no mundo ocidental, observa-se um movimento de declínio do falocentrismo, o que subverte a lógica do ideal viril paterno e faz furo a consistência do Outro. Apesar de Freud ter vivenciado o momento histórico de nascimento do capitalismo, sua teoria ainda se pautava, essencialmente, no modelo patriarcal e falocêntrico da civilização. Desse modo, “O Édipo freudiano se funda em uma relatividade sociológica, na qual a função do pai está ligada à prevalência da família paternalista.” (ALVARENGA, 2015, p.6). Anos mais tarde, com a consolidação do modo de vida neoliberal e capitalista, foi possível aos pós-freudianos avançar com a psicanálise para que a teoria refletisse os sintomas da época.

Sendo assim, a partir de Lacan, foi possível pensar o movimento da atualidade como “um declínio do pai como operador hegemônico da subjetividade, seguido de uma queda do viril, com a decorrência de uma feminização do mundo” (LIMA; VORCARO, 2018, p.32). Nesse sentido, a face do ideal viril que o falo sustentava até então, decaiu com a modernidade, visto que o modo de vida da atualidade é sustentado pela produção de objetos a. Segundo Alvarenga (2015), a constituição do sujeito está atrelada à inexistência do Outro, que antes era consistente e garantidor, restando aos sujeitos a

caça do mais-de-gozar⁵. Nesse sentido, podemos afirmar que a constituição da sexualidade na atualidade encontra-se pautada no imperativo de gozo.

O termo “feminização do mundo” foi introduzido no curso “O Outro que não existe e seus comitês de ética”, por Jacques-Alain Miller e Éric Laurent, para formalizar teoricamente a questão da sexuação e do gozo na atualidade. Sobre a feminização do mundo, Miller aponta que:

“Se admitirmos que existe - o que é discutível - uma feminização da civilização contemporânea, podemos, sem dúvida, referimo-nos à fórmula: $I < a$. Por um lado, está a ereção do ideal masculino e, do outro, a promoção do objeto a para o céu de gozo, o que se traduz pela primazia do modo de gozo feminino. A multiplicidade incompleta, inventiva, segundo a lógica de Lacan da sexuação, está do lado feminino. O múltiplo e o inventivo, a abertura do campo sintomático, responde muito mais a posição feminina do que a masculina e, de certa forma, inscreve também o declínio do viril e a promoção da lógica do não-todo, que implica multiplicidade e abertura.” (MILLER, 2005, p. 390, *tradução nossa*).

Desse modo, com o declínio do ideal viril, os sujeitos têm uma subjetivação maior do lado feminino da sexuação, experimentando o gozo feminino. Assim, a subjetivação que anteriormente tinha, majoritariamente, o falo como norteador, se depara com o objeto a como elemento de subjetivação no lugar de condensador de gozo. É válido ressaltar que a modalidade de gozo fálica ainda existe na atualidade, apesar de enfraquecida diante da modalidade de gozo não-toda, que reverbera nos sintomas da época. De acordo com Alvarenga (2015), na atualidade, há a demissão do pai e o aumento do domínio materno. Com isso, o sujeito recorre ao semblante para barrar as ocorrências do gozo feminino, pois o recurso ao ideal do pai e a consistência do Outro não tem mais o lugar que teve outrora na sociedade.

Ainda considerando as ideias de Alvarenga (2015), a ordem feminina surgiu a partir da falta da instância reguladora do pai e dos ideais. Com o declínio do falocentrismo, os sujeitos fazem uso dos semblantes para cobrir a inexistência do Outro e nomear o gozo. Dessa forma, sem o suporte fálico, o semblante pode vir a ser uma suplência que faz borda ao gozo feminino. Podemos dizer que “diante das exigências da civilização, cada um se encontra como as mulheres, mantendo o direito e o valor da relação sexual convertida em um modo de gozar. O gozo de cada um se apresenta como um direito.” (ALVARENGA, 2015, p.8). Nesse sentido, podemos pensar que a posição do sujeito diante da questão “sou homem ou sou mulher?”, apesar de ainda ser norteadada pelo significante fálico, encontra-se às voltas com o objeto a .

“O sujeito dividido ao mesmo tempo em que visualiza o gozo, não o quer. Pois, para isso teria que ocupar um lugar fixo de

⁵ Por se tratar de um conceito complexo, que tem relação com o conceito de mais-valia em Karl Marx, será feito um recorte de como o mais-de-gozar se aplica nesse trabalho. “O mais-de-gozar é uma função da renúncia ao gozo sob o efeito do discurso. É isso que dá lugar ao objeto a .[...] Assim, o mais-de-gozar é aquilo que permite isolar a função do objeto a .” (LACAN, 1968-1969). A partir da inconsistência do Outro, o lugar da Lei entra em declínio e o lugar antes relegado ao supereu da proibição, encontra-se ocupado pelo supereu enquanto imperativo de gozo. Assim, o objeto a fica no lugar de condensar o gozo que o supereu exige. “Se o supereu freudiano apontava ao proibido, ao dever e à culpa, termos que fazem existir o Outro, o supereu lacaniano é um imperativo de gozo.” (ALVARENGA, 2016, p.6).

objeto e como sujeito desejante ele desapareceria. Este é o impasse do sujeito, o qual fica dividido entre o gozo e o desejo. No entanto, a inscrição da Lei impõe um limite ao gozo e possibilita o desejo.” (BARTIJOTTO, 2014, p.280).

Dessa forma, com a inscrição da Lei comprometida pelo declínio da função paterna, o imperativo de gozo se apresenta sem limites aos sujeitos. Assim, para além do biológico e do significante fálico, a sexuação dos sujeitos se norteia também pelo objeto a. Com isso, concluímos que esse objeto a é colocado no lugar de condensador de gozo, fazendo com que a constituição do sujeito se dê também do lado não-todo da sexuação, no qual os sujeitos experimentam o gozo feminino.

5.2 A mulher entre o falo e o gozo feminino

A partir das considerações teóricas expostas neste trabalho, podemos dizer que a teorização freudiana sobre a mulher e a feminilidade foi baseada no que Freud havia construído sobre a sexualidade masculina. Por ter como norteadores o falo, o Complexo de Édipo e o complexo de castração, a sexualidade feminina ficou restrita a balizadores masculinos, sem ter uma lógica própria à feminilidade. Portanto, ao falar sobre a sexualidade da mulher, Freud pensou como uma menina consegue se constituir como mulher a partir da castração inscrita em seu corpo. Ao elaborar essa questão, ele conceituou a *Penisneid* como uma solução que a mulher encontra para conseguir lidar com a castração.

Quando Freud trouxe a *Penisneid*, apontou três saídas femininas para compensar a falta do falo: a masculinidade, a inibição sexual e a feminilidade. Porém, considerou que a saída “normal” seria pela via da feminilidade, visto que essa escolha daria um bebê-falo à mulher. Assim, Freud apontou que a saída do Complexo de Édipo mais adequada à mulher é pela via da “verdadeira feminilidade” – “a feminilidade da mulher deriva de seu ‘ser castrada’: mulher é aquela cuja falta fálica a incita a se voltar para o amor de um homem” (SOLER, 2005, p.26). Dessa forma, a mulher conseguiria conquistar o falo que nunca teve e conseguiria obter o objeto fálico através da reprodução, e assim, conseguiria compensar a sua castração. Portanto, podemos inferir que Freud faz coincidir o “ser mulher” com o “ser mãe”, pois a saída considerada “normal” em sua obra é através da realização da maternidade. Nesse sentido, ser mulher está atrelado ao ser mãe, já que pela reprodução a mulher conseguiria o falo e conseguiria realizar sua feminilidade. De acordo com Miller (2010), Freud põe do lado da mulher o desejo único de permanecer perto da criança à qual deu a vida, posicionando do lado mulher a falicização da criança.

Ao ir além do Édipo freudiano e da lógica fálica, Lacan formalizou uma outra perspectiva para a sexualidade feminina e a feminilidade. Através da releitura da obra freudiana, Lacan afirmou que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e atribuiu ao falo a função de significante. “O falo é um significante, um significante cuja função, na economia intra-subjetiva da análise, levanta, quem sabe, o véu daquela que ele mantinha envolta em mistérios.” (LACAN, 1998, p.697). Com Lacan, o falo é o significante do desejo que tem como função inscrever o sujeito na linguagem e na partilha sexual. Portanto, é a partir do falo que o desejo do sujeito se orienta e que a diferença sexual se inscreve. Porém, o falo não dá conta de toda a sexualidade na teoria lacaniana.

Com a fórmula da sexuação, ele localizou a divisão sexual pela modalidade de gozo. Sendo assim, além da significação fálica, a posição de gozo na qual o sujeito se

encontra passa a ser fundamental para pensar a diferença sexual. A fórmula da sexuação é dividida em dois lados: o lado fálico diz respeito ao modo de gozo masculino e o lado não-todo diz respeito ao modo de gozo feminino. Ao formular a sexuação, Lacan reduz o Édipo a lógica da castração e acrescenta que tal lógica não regula todo o campo do gozo, havendo uma parte do gozo que não passa pelo Um fálico e que permanece fora do simbólico (SOLER, 2005).

O gozo feminino é chamado por Lacan de gozo não-todo, pois é um gozo além do fálico. “É dito homem aquele que se encontra inteiramente submetido à função fálica. É dito mulher aquele que está na função fálica, porém, não inteiramente.” (MARACAJÁ, 2018, p.126). Assim, além de acessar o gozo fálico, a mulher tem acesso a uma modalidade de gozo a mais. O gozo não-todo encontra-se referido ao Real, aparecendo através das manifestações de corpo que o feminino encarna e também, através da impossibilidade de ser cifrado pela linguagem. “Mesmo que seja de forma brusca, por que não dizer que as mulheres parecem, às vezes e na medida do possível, mais amigas do real? De qualquer forma, isso se explica pelo fato de elas não terem necessariamente a mesma relação com a castração que os homens” (MILLER, 2010, p.2).

Portanto, por não ser referido ao falo, o gozo não-todo apresenta uma nova lógica ao feminino. Na teoria lacaniana, a lógica do gozo feminino se dá pela impossibilidade de fazer Um, fazendo com que a mulher seja contabilizada no Um-a-Um. “[...] tudo pode ser imputado à mulher, já que, na dialética falocêntrica, ela representa o Outro absoluto.” (LACAN, 1998, p. 741). Nesse sentido, não existe universalidade na sexualidade feminina, pois não há o Um que unifique A mulher em um significante que diga o que é a mulher. Dessa forma, ao pensar a mulher em Lacan, é possível dizer que ao localizar a mulher no lugar da diferença radical, não há um significante que diga o que é A mulher. No Um-a-Um, a feminilidade é inventada pela via do semblante, recurso utilizado para nomear o gozo feminino que é indizível. Apesar de ainda recorrer ao falo para construir a fórmula da sexuação, Lacan teoriza sobre o lado feminino que aponta para o além do falo.

[...] em torno do significante imaginário do falo, a mulher está na posição do Outro: é a que não tem. E como falta nesse espaço uma indicação que permita saber se sim ou se não, naturalmente lhe é imputada uma inconsistência, cuja tradução lógica Lacan nos oferece com sua fórmula da sexuação feminina (MILLER, 2010, p. 2).

Assim, ao contrário da teoria freudiana, o feminino tem uma lógica própria em Lacan, que aponta outras saídas além da feminilidade. Para Lacan, ainda que ele tenha apontado a maternidade como uma suplência à castração, como foi mostrado neste trabalho, tal qual fez Freud, o lugar de mulher e mãe não se esgotam, nem se determinam. Não são redutíveis um ao outro. Na posição feminina, a mulher encontra a falta e precisa se colocar na posição de objeto de desejo do outro para conseguir atingir o gozo não-todo, propriamente um gozo feminino. Na posição de mãe, a mulher deseja a criança enquanto objeto fálico e extrai um gozo ao colocar o bebê na posição de objeto. Dessa forma, o lugar da mãe é de toda fálica, ao elevar o bebê ao lugar de seu falo e gozar com isso. Mas, a mulher não-toda está ali, apontando para sua incompletude e para insuficiência da maternidade para dar conta do seu desejo.

Assim, podemos afirmar que, em Lacan, há uma distinção do lugar da mulher e da mãe, enquanto em Freud havia uma coincidência desses lugares. Dessa forma,

reduzir a mulher à maternidade é inadequado à modernidade, pois, desde a formalização lacaniana, o “ser mulher” está vinculado a acessar o gozo feminino. Com isso, na divisão entre esses lugares, a mãe ao encarnar a face da verdadeira mulher, tomada pelo seu gozo feminino, coloca seus filhos na posição de objetos de sacrifício a esse gozo (GUIMARÃES, 2007). Portanto, a feminilidade na teoria lacaniana está referida ao gozo feminino. De acordo com Maracajá (2018), Lacan difere de Freud, pois desloca a sexualidade do campo das identificações sexuais e retira a centralidade do Édipo da organização genital, colocando o gozo como central.

Podemos dizer que, ao perguntar “o que quer a mulher?”, Freud buscou uma resposta no Universal, um significante que falasse o que é a mulher no Um. Ao escandir a questão, Lacan apontou para o Uma-a-Uma e para a impossibilidade de universalizar a questão feminina. Tal distinção é fundamental para pensarmos o que é a mulher hoje. Se o campo do gozo feminino ficou acessível a todos com a feminização do mundo e o declínio do Nome- do-Pai, como podemos pensar a mulher na modernidade?

Podemos dizer que com o avanço do modo de vida capitalista, e com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, as posições ocupadas socialmente pelas mulheres sofreram modificações. Se até a época vitoriana os papéis delegados às mulheres eram restritos, com o capitalismo elas conseguiram ocupar lugares que eram antes apenas direcionados aos homens. Para Kehl (2016), as mulheres, consideradas em seu conjunto, deslocaram-se da posição de complementaridade e sustentação à posição masculina. Dessa forma, do ponto de vista social, foi possível ocuparem o lugar de sujeito. De acordo com Kehl (2016), atualmente, através de uma leitura pós-freudiana, poderíamos modificar a questão “o que é ser mulher” pela indagação “o que um sujeito pode se tornar, sendo (também) mulher?”.

“Uma mulher fica, então, enquanto mulher, radicalmente fora do alcance do sujeito, inclusive do sujeito que se alinha na posição feminina. Mais exatamente, a feminilidade só pode ser atingida ou designada pelo viés de um semblante.” (ANDRÉ, 1998, p.269). O semblante aparece como véu que encobre o vazio que a mulher esconde, ao fazer semblante de que tem o falo. Portanto, o semblante “[...] é uma questão de estrutura, já que é a linguagem que situa a mulher fora daquilo que se pode dizer.” (ANDRÉ, 1998, p. 269). “[...] é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade, nomeadamente todos os seus atributos na mascarada. É pelo que ela não é que ela pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada” (LACAN, 1958, p. 701)

Assim, cada sujeito que goza do lado não-todo da sexuação precisa fazer uso de semblantes para circunscrever o gozo feminino. De acordo com Miller, no campo do feminino há um “[...] espaço onde os semblantes se fazem passar pelo que há e onde não há, provavelmente, outra coisa a não ser semblantes” (MILLER, 2010, P. 2). Enfim, diante de toda a problemática em torno da questão da mulher e da feminilidade, podemos extrair que não há um significante que se inscreva no inconsciente para dizer o que é a mulher. Com isso “pode-se adiantar, então, que o que uma mulher quer é que alguma coisa advenha ao lugar deste significante faltoso, que um ponto de apoio lhe seja fornecido precisamente lá onde o inconsciente a deixa abandonada.” (ANDRÉ, 2010. p.283).

Para sustentar sua afirmação, André (2010) aponta três caminhos que a mulher pode seguir. O primeiro seria pela histeria, pois esta foge do irrepresentável da feminilidade ao vestir uma armadura fálica (ANDRÉ, 2010). Assim, por essa via, a mulher faz semblante de ter o falo para escamotear a falta que aparece no campo do Outro, tentando evitar o gozo feminino. Assim, a histérica pode se articular ao lado masculino da sexuação para barrar as manifestações do gozo feminino. Porém, o gozo

não-todo transgride a barra que o gozo fálico tenta sustentar, podendo retornar no corpo e destituir a unidade fálica que o sujeito histórico tanto busca.

O segundo é pela mascarada, pela qual a mulher se aceita como não-fálica ao abandonar o falo (ANDRÉ, 2010). “A mascarada realiza uma encenação imaginária do não-todo: a representação da mulher castrada funciona aí como signo que protege contra a falta de significante da feminilidade.” (ANDRÉ, 2010, p.283). Assim, a mulher se posiciona como aquela a quem falta, desprovida de elementos fálicos. A terceira é pela via do amor, na qual a mulher convoca o sujeito suposto parceiro para ocupar o lugar do significante faltoso da feminilidade (ANDRÉ, 2010).

André (2010) aponta por último a via da criação, como a produção de significantes novos no lugar do significante que falta. Porém, a criação que tenta responder a inexistência da mulher é aquela em que o significante que se produz “não procura preencher o furo deixado aberto por S(A)⁶, mas, pelo contrário, revelá-lo e fazê-lo atuar como tal.” (ANDRÉ, 2010, p.284). Por essa via, a mulher consegue produzir significantes a partir da falta de significação do feminino.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o exposto, podemos afirmar que a criação da psicanálise teve um papel fundamental ao escutar as mulheres em seu sofrimento. Ao introduzir a associação livre na escuta das mulheres, Freud proporcionou um lugar para a elaboração dos conteúdos inconscientes que não cessavam de não se inscrever nos sintomas corporais que a histeria apresentava à sociedade vitoriana. Porém, ao atingir o limite do que a psicanálise e o próprio Freud poderiam falar sobre as mulheres, a questão permaneceu em aberto, restando algo que não se podia dizer ainda naquele momento.

Com Lacan, os conceitos relacionados à sexualidade feminina avançaram significativamente, com a formalização do conceito de gozo feminino e da fórmula da sexuação. Ao situar a mulher no lugar do impossível de ser universalizado, Lacan apontou para o lugar do “mais, ainda” do gozo feminino. Esse gozo sem barra, que ultrapassa os limites do corpo da mulher ao sinalizar para o infinito. Tais conceitos da formalização lacaniana são fundamentais para se compreender diversas questões da atualidade, como as questões de gênero e sexualidade. Além disso, são de importância na clínica psicanalítica, pois o gozo é uma questão central na atualidade em que o imperativo de gozo causa tanto sofrimento aos sujeitos.

Para concluir, é importante ressaltar que, para a psicanálise, ser homem ou mulher não depende apenas do sexo biológico, mas sim da constituição subjetiva de cada sujeito, na qual este se posiciona do lado fálico ou do lado não-todo da sexuação. Com a incidência do modo de gozo feminino na atualidade, a divisão sexual torna-se ainda mais complexa. Portanto, a sexuação é um campo de estudo muito vasto na psicanálise, que abre espaço para se pensar várias questões referentes aos sintomas apresentados pelos sujeitos desta época.

Ao cumprir os objetivos aos quais se propôs, espera-se que este trabalho possa contribuir para pensar sobre o que constitui a mulher hoje, em tempos de “feminização do mundo” e de inconsistência do Outro. Por fim, deixamos em aberto para futuros trabalhos a questão da masculinidade frente ao declínio do ideal viril e as consequências do encontro do homem com o gozo feminino.

⁶ Significado do Outro. Em Lacan, corresponde ao lugar do tesouro dos significantes.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Elisa. **As mulheres e a violência de nossos tempos**. Disponível em: Opção Lacaniana Online Ano 6, Número 17, julho 2015, ISSN 2177-2673.

ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** / Serge André; tradução, Dulce Duque Estrada. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)**. In: Obras completas: volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos (1901-1905) / Sigmund Freud; tradução e notas Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. **Sobre teorias sexuais infantis (1908)**, Amor, sexualidade, feminilidade / Sigmund Freud ; tradução Maria Rita Salzano Moraes. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2018. -- (Obras Incompletas de Sigmund Freud ; 7)

FREUD, Sigmund, 1856-1939, **Organização genital infantil (1923)**, Amor, sexualidade, feminilidade / Sigmund Freud ; tradução Maria Rita Salzano Moraes. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2018. -- (Obras Incompletas de Sigmund Freud ; 7)

FREUD, Sigmund. **A Dissolução do Complexo de Édipo (1924)**. In: Obras completas: volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925) / Sigmund Freud; tradução e notas Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos (1925)**. In: Obras completas: volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925) / Sigmund Freud; tradução e notas Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. **Sobre a sexualidade feminina (1931)** In: Amor, sexualidade, feminilidade / Sigmund Freud ; tradução Maria Rita Salzano Moraes. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2018. -- (Obras Incompletas de Sigmund Freud ; 7)

FREUD, Sigmund, 1856-1939. **A feminilidade (1933)**, Sigmund, 1856-1939. In: Amor, sexualidade, feminilidade / Sigmund Freud ; tradução Maria Rita Salzano Moraes. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2018. -- (Obras Incompletas de Sigmund Freud ; 7)

FUENTES, M.J.S. **As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino**. 2009. 273 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FUENTES, Maria Josefina; ANTELO, Marcela. **Semiologia da sexualidade**. Organizadores Antônio Teixeira e Heloisa Caldas. In: Psicopatologia lacaniana: Volume 1: Semiologia. Autêntica, 2017.

GUIMARÃES, Ledâ. **Como formalizar um caso clínico?** 2007. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/numero_06/artigo_04.htm

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade** / Maria Rita Kehl. 2.ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

KUSNETZOFF, Juan Carlos. **Introdução à Psicopatologia Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p.220.

LACAN, Jacques. 1957-1958. **Seminário, livro 5: As formações do inconsciente, 1957-1958** / Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [versão brasileira de M.D.Magno]. - Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. 1972-1973. **Seminário, livro 20: mais, ainda, (1972-1973)** / Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [versão brasileira de M.D.Magno]. - Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **A significação do falo**. In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 692-703.

LIMA, V. M. & VORCARO, M. R. (nov. 2017 a abr. 2018). **Ideal feminino e feminização do mundo: uma sexuação moebiana na era do não-todo**. Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana, 13(25), 31-46. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2019v12n25p31-46

MARACAJÁ, Myrna Agra. **Homoparentalidade: a criança entre o direito e o desejo**. 2018. 218 f. Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. Doutorado em Psicologia Clínica, 2018.

MILLER, Jacques-Alain. **El Otro que no existe y sus comités de ética**, en colaboración con É. Laurent. Buenos Aires: Paidós, 2005. p. 390.

MILLER, Jacques-Alain. **Mulheres e semblantes I**. Opção Lacaniana online nova série. Ano 1 • Número 1 • Março 2010 • ISSN 2177-2673.

MOLINA, José Artur. **O que Freud dizia sobre as mulheres** / José Artur Molina. - 2.ed. - São Paulo: Editora Unesp, 2016.

ROTHER, Edna Terezinha. **Revisão sistemática X revisão narrativa**. Acta paul. Enferm 2007; 20(2):v-vi.

SALES, Lea Silveira. **Fantasia e Teorias da Sedução em Freud e em Laplanche**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Set-Dez 2002, Vol. 18 n. 3, pp. 323-328. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n3/a12v18n3.pdf>

SALES, Léa Maria Martins. Entre o fascínio e o horror: um estranhamento na clínica mãe e bebê. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 5, n. 8, p. 64-79, 2000. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282000000100007&lng=pt&nrm=isso>

SOLER, Colette. **O que diz dela o inconsciente?** In: O que Lacan dizia das mulheres. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

SOLER, Colette. **Uma mulher**. In: O que Lacan dizia das mulheres. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

TEIXEIRA, Antonio. **De Irma a Emma: a solução do sonho na dissolução do sentido.** aSEPHallus, p. 41-54, 2010.